

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.705

Terça-feira, 17 de Junho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5399-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

O proletariado estará disposto a permitir que o governo aniquile o seu órgão na imprensa?

O TRIUNFO DA IMORALIDADE

NÃO SE PODE SER HONESTO!

“A Batalha” não pode atrair a sua missão. Ou se publica livremente, criticando todos os roubos, todos os crimes e todos os escândalos, nos quais estão envolvidos vários ministros, ou SUSPENDE! Vivemos pela Verdade -- morreremos pela Verdade!

A Batalha vem sendo alvo da mais violenta perseguição. É um jornal que incomoda todos os que se sentem bem neste monturo em que os políticos, os homens de dinheiro e os de negócios transformaram o país. O governo, impedindo que a Batalha exerça a sua missão de crítica, não tem a coragem de lançar uma perseguição aberta ao campo oposto aos interesses populares, coloca-se ao lado dos homens de negócios, dos moageiros, dos banqueiros e dos criminosos, contra a imprensa que mais energicamente ataca todas as imoralidades.

A maneira como se exerce a apreensão de A Batalha, vexatória para as autoridades do país. Todas as manhãs um agente de polícia adquire na casa da impressão um exemplar deste jornal que leva as autoridades superiores. Traz uma resposta invariável: «Não pode circular». E logo a polícia se lança numa perseguição feroz sobre os vendedores, arrancando-lhes os exemplares que levam. Tem-se chegado a este cúmulo: sovar e insultar as pessoas que tendo tido a sorte de alcançar um exemplar de A Batalha, o vão lendo pela rua.

Anteontem, porém, a perseguição assumiu um aspecto mais grave e mais revoltante. O guarda que foi à casa onde A Batalha se imprime, guarda que dá pela almanha de «Sebento», sem ter ido previamente consultar o governador civil, entendeu que devia, lá porque a lei não lhe agradou, a ele, pessoalmente, apreender o jornal e impedi-lo de circular.

Isto foi evidentemente sancionado pelo sr. Ferreira Amaral ou pela pessoa de «confiança» que o ministro do Interior encarregou (!) de verificar se esta gazeta publica matéria «subversiva».

Assim, um jornal, que num país civilizado devia ser respeitado como um objecto sagrado, visto que representa a opinião de milhares e milhares de pessoas, está sujeito aos caprichos, às arbitrariedades, não do ministro do Interior, não do comissário da polícia, não do governador civil, mas dum simples agente de polícia quasi alfabetado—dum «Sebento» qualquer!

Sua Excelência o «Sebento» bebe «dois» ali em qual-quer tasca do Bairro Alto, arrota e, inchado de autoridade, ordena, porque o «mata-bicho» lhe deu para ali, que se apreenda A Batalha!

E há um governo que admite semelhante selvajaria. Um comissário de polícia, um ministro do Interior que se rebela ao ponto de se deixarem substituir, nas suas odiosas funções repressivas, por um «Sebento» qualquer do Bairro Alto!

Há ainda uma imprensa que amanhã está sujeita a sofrer idêntico vexame, que fica silenciosa ante a lama que o «Sebento» lhe atira às faces.

Não foi apenas A Batalha o único jornal enxovalhado, foi toda a imprensa que recebeu do «Sebento» um esgarro em pleno rosto!

A propósito desta acintosa perseguição a Batalha, Rocha Martins escreveu nos Fatos, e nós transcrevemos:

Ultimamente foi apreendida, várias vezes, A Batalha e se é certo que nunca imaginei um movimento colossal da imprensa em sua defesa, ao menos julguei ser possível um protesto formal, diário e sentido e também pensei que essas associações de Imprensa, que para si vivem ou se arrastam, ao menos teriam esboçado alguns passos no sentido de pedir para os seus associados ao menos as garantias da lei a que devem obediência e não aceitar a arbitrariedade.

Não sucedem assim e, se legitimamente, o jornal operário tivesse recorrido para outra solidariedade—a dos tipógrafos dos outros periódicos—não se fariam de clamar aqueles que lhe negavam o seu auxílio achando injusto o seu procedimento.

Claro que eu não desejo simpatias afixadas pelos conservadores a favor do órgão proletário mas espero, no próprio interesse da imprensa de todas as cores, a defesa do ataque feito a qualquer jornal.

A falta dum protesto enérgico, colectivo e sério contra a apreensão da Batalha levou o ministro do Interior à apreensão do Correio da Noite e como ante esta violência, infligida ao jornal monárquico, os representantes da Causa no parlamento, se calaram, a audácia redobrou por parte do sr. Sá Cardoso, e daí a dias havia ordem para não deixar circular o Correio da Manhã.

O ministro do interior declarou, há dias, no parlamento, ter um indivíduo a seu lado que faz a censura dos jornais e eu ainda não ouvi a imprensa—que outro-ora era uma força—perguntar o nome desse amável cavalheiro ao exigir do ministro as responsabilidades do seu ataque.

Suponha-se que, amanhã, me lembro de narrar um acto do titular da pasta praticado como director de certa Companhia onde era director e que o censor corta o artigo e impede o jornal de circular.

No que consentiria, neste caso, o ministro? Num roubo em seu proveito. O silêncio da imprensa, significativo e animador, habilita-o há a ir até ao infinito da perseguição sempre entre os elogios à sua pessoa feito pelas colegas das vítimas de suas iras.

Um dia, porém, chegará em que se lhes aplicará a mesma pena e, ou será muito tarde para reagir, ou será necessário usar dos meios fortes para salvar as garras dum governo uma imprensa fraca.

Antes de que isso se dê, cumpre não esquecer os males dos jornais, embora avançados, na hora em que o nosso silêncio, é a pedra onde os governantes amolam seus alfargos para a degolação dos que julgam mudos, incapazes dum brado a uma apóstrofe, dum berro ou dum protesto.

A parte mais importante da crítica de Rocha Martins é sem dúvida aquela em que o panfletário se refere às ligações dos ministros do Interior com certa companhia industrial, cuja crónica conhecemos em parte e que gostaríamos de conhecer melhor.

E' precisamente por homens do governo estarem ligados a escândalos e crimes que energicamente atacamos, que A Batalha tem sido apreendida.

Não pode haver imprensa possível, não pode haver crítica livre num país, em que os próprios governantes estão envolvidos em escândalos e crimes.

Eles prevaricam e eles amoldam a imprensa honesta. Eles praticam os crimes—e eles impedem que A Batalha, órgão da opinião pública, revele esses crimes.

A Batalha tem por missão dar combate a esses crimes. Pela violência, pela arbitrariedade abafam-lhe a voz.

Se revela a maneira revoltante como foram assassinados os presos nos Olivais — a polícia, revestida duma autoridade iníqua, apreende-a!

Se se refere aos favores que o sr. Alvaro de Castro, presidente do governo, tem feito à Moagem, apreendem-na!

Se se insurge contra a negociata dos Transportes Marítimos, na qual está envolvido o ministro do Comércio, apreendem-na!

Se se ataca a ganância dos industriais (o ministro da Guerra é da Fábrica Vulcano), ataca indirectamente um membro do governo, portanto, apreendem-na!

Se combate os agricultores que especulam com a

terra e perseguem os trabalhadores, atinge também o sr. Joaquim Ribeiro, ministro da Agricultura e agricultura, é claro: apreendem-na!

Se traz a público a burla, o negócio escuro que se pretende fazer com a Fábrica Nacional de Vidros da Marinha Grande, tem de fazer referências desagradáveis ao sr. Lima Duque, ministro do Trabalho, que entra no negócio — apreendem-na!

Se se revolta contra o roubo que os bancos fazem ao Estado, sem que o ministro das finanças contra eles proceda, apreendem-na!

A maioria dos componentes do actual ministério está como se vê, envolvida nos mais escandalosos negócios, que merecem um ataque cerrado de todas as pessoas honestas.

A Batalha, representando a vontade e a opinião da parte do país lesada por todas essas grandes roubalheiras, tem de falar. O governo solidário com o crime, impede-a de exercer a sua missão. O governo irritado com a existência de um jornal que não se bandeia, pretende suprimi-lo. Os criminosos, receando que a verdade sobre os seus crimes seja, pela Batalha, posta ante os olhos do povo, querem inutilizá-la. Desejam ficar à vontade, com o caminho livre, para poderem tripudiar sem receios.

Ante este atentado contra a liberdade de crítica praticado por um governo que tem as mãos sujas pelos negócios escuros que assestam no país, podem as consciências rectas, podem os trabalhadores ficar silenciosos?

A Batalha põe hoje este dilema: ou lhe dão aquela liberdade de crítica a que tem absoluto direito ou suspende a sua publicação.

Quando pela palavra, pela escrita não é permitido aos homens honestos defenderem os interesses do povo; quando a mordaza proíbe que a opinião se expanda, a missão da imprensa, da imprensa digna como A Batalha, queda inútil. Porque A Batalha não calará crimes, porque A Batalha não sancionará com o seu silêncio, os assassinatos bárbaros dos Olivais, nem os roubos formidáveis que potentados industriais e financeiros, aliados a ministros, estão praticando impunemente!

A Batalha não pode circular!

A Batalha é apreendida arbitrariamente!

A Batalha suspenderá, mas não dará os braços aos pulhas e aos ladrões.

E' preciso morrer? Morre-se de pé, sem atrair a Verdade!

Pela vida de A BATALHA

Contra os ataques da reacção governamental

O proletariado saberá defender e manter o seu órgão

As perseguições de que está sendo vítima A Batalha, estão fazendo vibrar de indignação todas as criaturas que têm ideal superior e um elevado culto à Verdade. Amoldam-nos, impedem-nos de comunicar com os nossos leitores porque não convém às classes dominantes que A Batalha, pela linguagem da verdade, exponha e condene altamente os crimes que se cometem constantemente.

Essas classes dominantes não podem admitir que no mar de lama em que nos encontramos, haja imprensa honesta. Mas em contraposição, sentindo como as perseguições e a mordaza, vem o variado em nosso auxílio e no auxílio da sua causa que é a de todas as que não sob a pata tirânica dos que nos oprimam e exploram.

Sabiam todos cumprir com o seu dever, como os que já manifestam a sua solidariedade.

Um apelo
um gesto nobre dos presos
sociais no Limoeiro

Camaradas da redacção de A Batalha: Temos os presos por questões sociais seguindo com a máxima atenção a campanha moralizadora que A Batalha tem vindo mantendo, o que tem valido o ódio dos governantes e numa sanha de feroz perseguição a um mandado apreender cotidianamente.

E A Batalha um jornal honesto que se curva perante o Deus-Milhões aceita os seus benefícios, vivendo do auxílio que os trabalhadores

lhe prestam por reconhecerem que é A Batalha o seu único defensor num meio onde a imprensa na sua quasi totalidade, se encontra enfiada à Moagem e à Finança.

E por assim ser, as repetidas apreensões põem em perigo a sua existência e o proletariado não accorreu em seu auxílio prestando-lhe o máximo da solidariedade tanto mais que a existência de A Batalha é agora mais necessária ainda do que tem sido, porque o seu desaparecimento equivaleria ao quasi completo triunfo da reacção.

Ponderando tudo isto, resolveram os presos sociais do Limoeiro contribuir com uma cota parte do seu subsídio confederal em auxílio de A Batalha, iniciando assim a grande subscrição nacional pró-mantimento de A Batalha. Não quer porém isto dizer que os presos sociais vivem desoladamente, pois que em virtude do exíguo subsídio que lhe é prestado pela C. G. T., passam toda a espécie de necessidades.

Não quer também dizer que dispensem a solidariedade material dos trabalhadores, pois que se elas lhe faltar morreão de fome...

Significa simplesmente que acima das nossas necessidades pessoais, colocamos as necessidades da Causa a que nos devotamos e que é a emancipação integral dos trabalhadores.

A nossa cota é modesta é certo—\$800 por cada preso confederado e \$250 por cada não confederado—mas ela representa muito sacrifício, muita miséria, não só para nós como para as nossas famílias, pois que é arrancada aos 25-3000

A BATALHA

citada nas «Informations Sociales»

No número de Maio das Informations Sociales, edição francesa da revista da Repartição Internacional do Trabalho, vem publicado um relato sintético do Congresso Nacional dos Metalúrgicos Portugueses baseado na notícia de A Batalha de 20 e 24 de Abril último.

Entra com o máximo que puderem e a sua manutenção estará assegurada. O auxílio prestado A Batalha neste momento representa a revolta dos trabalhadores entre as prepotências dos governantes.

Trabalhadores: auxiliai materialmente A Batalha porque vos auxiliais a vós próprios.

Auxiliai A Batalha porque assim defendereis o vosso pão, a vossa liberdade e a vossa vida.

Camaradas: Junto vos remetemos 90\$00 para início da subscrição pró-mantimento de A Batalha sendo 80\$00 escudos dos 16 presos confederados e 10\$00 dos 4 presos não confederados existentes na cadeia do Limoeiro.

Limoeiro e Grupo B, 16-6-924.

Pelos presos sociais do Limoeiro, Manuel Viegas Carrascão.

Provas de solidariedade

Camarada redactor de A Batalha: Convencidos de que as constantes apreensões ao nosso jornal tem o objectivo de o fazer desaparecer, mas convencidos de que esse objectivo jamais se consumará, se da parte da classe operária houver o necessário espírito de resistência, o pessoal do Conselho Técnico da C. Civil que trabalha na obra do Novo Manicóbio, resolveu entre si que quando não possa obter o jornal pelo efeito da sua apreensão, pagar a respectiva importância à administração do mesmo.

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Devido ao requerimento enviado há perto de 15 meses pelo sr. Luís Larangeira, que se encontrava em Montevideo, no qual pedia ao ministro da justiça, nessa ocasião, para ser remetido para a África, por se encontrar entregue ao governo e em que juntamente com o mesmo, assinaram também os presos Américo Pereira Dias e António Augusto Guedes Pinto, conforme diz o registro de entrada do mesmo requerimento, este Secretariado rapidamente tratou deste assunto.

Acontece que o actual ministro da justiça deferiu o referido requerimento mas só para Luís Larangeira, e para que se não julgasse que era remetido como vadio, foi este secretariado outem avistado sobre o referido assunto e com o sr. ministro da justiça a quem entregou um novo requerimento a fim de não ser enviado para a África naquelas condições, sendo o requerimento enviado pelo ministério da justiça a quem de direito se deve pronunciar sobre este caso.

Também este secretariado abordou a situação dos operários presos indevidamente há tempo a esta parte.

Fica por este meio avisado o dr. sr. Sobral de Campos que o julgamento de José da Silva se realiza no dia 27 do corrente.

A reunião de direcções dos sindicatos operários

A convite de U. S. O., reuniram ontem as direcções dos sindicatos operários de Lisboa que acceitaram e votaram um parecer daquela organização sobre as prisões arbitrárias de operários e as perseguições de que está sendo vítima A Batalha. Devido ao adiamento da hora a que terminou a reunião, não nos é possível publicar hoje este parecer.

A questão das carnes refrigeradas

Os marchantes recusam-se a vendê-las, declarando-as nocivas para o público

A firma que as importou diz que os marchantes as combatem por espírito de ganância

Tem-se debatido nestes últimos dias uma complicada questão entre os marchantes, a Comissão Abastecedora de Carnes e a firma J. Mourão Lda, autora dum fornecimento de carne proveniente da Argentina e que declara ser refrigerada e não congelada. A oposição contra a carne refrigerada tem partido dos marchantes, segundo nos declaram alguns deles e também da própria comissão abastecedora de carnes, segundo nos afirmam o sr. Conegio, representante da aludida firma.

Fomos aqui procurados por um marchante que nos veio afirmar que a referida carne era nociva para o público motivo porque entendiam não dever vendê-la. O mesmo marchante convidou-nos a ir ao Matadouro e ao frigorífico do Rêgo para vermos o estado em que a carne se encontrava sendo essa a melhor maneira de verificarmos por nossos próprios olhos a razão que lhes assistia.

Também esteve nesta redacção o sr. Conegio representante da firma J. Mourão Lda, que nos veio convidar a vir ver a carne e a assistir no Hotel Francfort a um jantar feito com a carne refrigerada, para assim examinarmos de facto se a carne era ou não boa e implicitamente reconhecermos da justiça ou injustiça da atitude dos marchantes.

Imparcialmente, acatámos ambos os casos de modo a acatarmos os interesses do público e não os de nenhuma das duas partes que se debatiam.

Começamos pelo que apurámos dos marchantes:

No Matadouro foram-nos mostradas várias determinações da Comissão Abastecedora, intimando os marchantes a ir

levantar a carne argentina que lhes ca-

bia no rateio sob pena de lhes não ser fornecida carne verde. A carne argentina seria vendida ao público dois dias por semana: terças e sábados. Os marchantes declararam-nos que não a queriam aceitar porque ela não era boa para o consumo do público e que este também se recusava a adquiri-la.

Vimos lá que a carne argentina lhes era fornecida ao preço de 8\$80 por quilo e que a deviam vender pela tabela da carne verde que lhes custava a eles por quilo 10\$00.

Fomos seguidamente ao frigorífico do Rêgo. Na rápida visita que lá fizemos ficámos com a impressão moral de que parte da carne se encontrava em mau estado. Os marchantes que nos acompanharam afirmaram-nos de principio, duma maneira geral, que a carne estava toda estragada. Obtemperámos a ver se conseguíamos apurar qualquer truco por parte da firma importadora que a noite era oferecido no Francfort um jantar à imprensa para estes aquilatarem do estado da carne. E das duas uma: ou carne não era a mesma ou então o jantar redundaria num fiasco tremendo para a firma importadora.

Os marchantes volveram-nos então que nem toda a carne estava estragada e que no referido jantar serviriam carne do pojadouro e que a imprensa concordaria que esta estava boa. Ficámos um pouco esclarecidos e retirámo-nos.

A' noite fomos ao jantar oferecido pela firma importadora, fomos jantados motivo porque recusámos o convite amável que nos era feito não deixando contudo de provar a carne que tinha sido cosinhada de várias maneiras. Os marchantes não se enganaram. De facto

não podíamos achar a carne de má qualidade.

Fizemos sentir ao sr. Conegio, representante da firma, que no frigorífico do Rêgo tinham visto carne que, pelo menos em parte, estava em mau estado. O sr. Conegio replicou-nos que não tinha ido ao frigorífico do Rêgo mas que não lhe repugnaria acreditar que até estivesse pôde toda a carne pois ela tinha já andado em «bolandas» afirmamos, e demonstrou com documentos, que a carne já se encontrava em Lisboa desde 31 do mês passado e que a carne refrigerada era susceptível de deteriorar-se, como a carne verde.

Acontecia, porém, que a carne que tinha no frigorífico do Jardim do Tabaco — e nessa não nos tinham tocado os marchantes — estava em bom estado para consumo visto que não tinha sofrido as tropelias. Afirmamos-nos também que os marchantes movem guerra à carne porque são afectados nos seus negócios e que têm todo o interesse em que ela não seja vendida e em desacreditá-la.

Em conclusão a tirarmos de tudo isto não pode ser duvidosa. Marchantes e a firma importadora de carne refrigerada batem-se não pelo público, mas pelos seus interesses em antagonismo. Nesta luta não nos imiscuimos, nem queremos analisar quem tem, comercialmente, razão.

Sob o lado do interesse dos consumidores entendemos que deve ser vendida carne verde e carne refrigerada, mas em condições que lhes permita optar por uma ou por outra.

E pomos, por hoje ponto no assunto, Trabalhadores: Rede e propagação do Su-
plemento de A Batalha

EM COIMBRA

O II CONGRESSO DAS ESCOLAS TÉCNICAS

Inaugurou-se, em Coimbra, com grande entusiasmo

COIMBRA, 14. — A realização do II Congresso das Escolas Técnicas, nesta cidade, e conforme estava anunciado, têm despertado bastante interesse no meio académico — isto é, no meio dos alunos das diferentes escolas comerciais, quer particulares ou oficiais, assim como entre o professorado das mesmas escolas.

Assim, antes de entrarmos propriamente no relato da sessão inaugural, a qual revestiu uma grandiosa importância — referir-nos-emos primeiramente ao que foi a sessão preparatória do congresso, começada pelas 20 horas e 30 minutos.

Preside Jaime Nascimento de Almeida, sendo secretariado por Idalino Brochado e Arnaldo Júlio Vieira — como componentes da comissão organizadora do Congresso.

Jaime Nascimento de Almeida, como presidente, também membro da comissão organizadora, dá ao Congresso uma entusiástica saudação, saudando essa que se ajunta como um hino ao esforço feito por todos os alunos das escolas técnicas para a realização do 2.º Congresso. Em seguida, e, especialmente, salienta o enorme, grandioso, prestado pelo grande amigo dos alunos das escolas técnicas e do seu Congresso, que é o dr. Adriano Castanhiera, por o professor da Escola Fonseca Benevides, sendo entusiasticamente saudado este professor e erguidos calorosos vivas ao Congresso.

Para terminar, Jaime Nascimento de Almeida, ergue um vibrante viva ao 2.º Congresso das Escolas Técnicas, viva secundado por todo o congresso entre entusiásticas salva de palmas.

Leitura do expediente

Uma carta da Escola Comercial de Braga saudando o Congresso; um postal do Congresso, vindo de uma cidade alemã; e, um ofício do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército e Cordoaria Nacional, fazendo votos pelo bom sucesso do 2.º Congresso das Escolas Técnicas.

Em virtude do postal citado sair em esperança, foi convidado o congressista sr. Arnaldo Rodrigues a fazer a sua leitura, sendo nessa ocasião muito ovacionado o congresso, pela atenção que tem merecido a todos os que desejam o aperfeiçoamento e desenvolvimento do ensino.

Em seguida é nomeada pela mesa a comissão revisora de mandatos, que ficou constituída por:

Manoel dos Santos Ivo, da Escola Oliveira Martins, do Porto; Manoel Moreira de Lima, da Escola Comercial de Braga; Luís da Silva, da Escola Comercial de Fátima da Silveira, de Portalegre; José Marques da Costa, da Escola Industrial Infante D. Henrique, do Porto; Santos Silva, da Escola Industrial Faria Guimarães, do Porto; Arnaldo Vieira, secretário da comissão organizadora do Congresso; Henrique Gaspar de Carvalho, da Escola «Ribeiro», de Coimbra; Jaime de Silva Viana, da Escola de Arte Aplicada de Lisboa.

Em seguida foi encerrada a sessão por espaço de trinta minutos, ao fim dos quais a referida comissão deu conta do seu mandato; acreditando ao Congresso com voto deliberativo as seguintes delegações: Escola Comercial Oliveira Martins, Escola Comercial Ferreira Borges, do Porto; Escola Comercial Tomás Cabreira, de Faro; Escola Comercial Vague Beirão, Escola Comercial Bartolomeu dos Mártires, de Braga; Escola Comercial da Figueira da Foz; Escola Industrial Afonso Domingues, de Lisboa; Escola Industrial de Fátima da Silveira, de Portalegre; Escola Industrial Fonseca Benevides, de Lisboa; Escola Comercial Fernando Caldeira, de Aveiro; Escola Industrial de Gondomar; Escola Comercial e Industrial de Leiria; Escola Industrial Faria Guimarães, do Porto; Escola Industrial de Vizeu.

Sem voto: Federação Académica das Escolas Industriais e Comerciais, na pessoa de Arnaldo Júlio Vieira.

Não aceitar no congresso a representação da Escola de Cerâmica Passos Manuel de Vila Nova de Gaia, em virtude de a credencial não estar em conformidade com o artigo 15.º do Regulamento do congresso, admitindo-a quando se legalise a credencial.

Posto à discussão este parecer, foi aprovado.

Depois entra-se na discussão dos regulamentos do Congresso, sendo lidos na generalidade a requerimento do congressista Lopes da Costa, como depois, a exemplo do passado no primeiro congresso foram aprovados também na generalidade e por unanimidade.

O congressista Alexandre Barata, da Escola Afonso Domingues, enviou para a mesa do congresso a seguinte declaração de voto:

«Declaro regeitar o parágrafo único do artigo 1.º do regulamento não por desconhecimento para com os seus professores a quem aliás muito venero, mas sim por manter o mesmo critério da delegação do 1.º congresso e que é o mesmo da Liga que neste congresso represento».

Procedeu-se depois à escolha dos diversos presidentes para as sessões do congresso, o que foi aprovado, depois de a comissão ter dado conta dos seus nomes ao congresso.

Em seguida a sessão foi encerrada, até à chegada do dr. sr. João Camões, que deve presidir à sessão inaugural.

A Escola Comercial de Coimbra, resolve enviar ao Congresso os seus delegados

Conforme noticiamos os alunos da Escola Comercial de Coimbra, depois da direcção da Associação da sua escola ter conferenciado com a comissão organizadora do Congresso, reuniram em assembleia geral para apreciar a plataforma que punha termo ao conflito existente entre os alunos da mesma escola e a comissão organizadora — tendo, enfim, após os esforços coroados de êxito de Arnaldo Júlio Vieira, enviado delegados ao Congresso. São eles: Tomás Gomes e Mateus Ferreira Mateus.

Este facto causou imensa satisfação, tendo estes delegados sido recebidos ao

entrarem na sala do Congresso, com uma grandiosa salva de palmas e numerosos vivas à solidariedade académica, Congresso etc.

A sessão inaugural

A pesar de anunciada para as 21 horas, a sessão inaugural, que decorreu entusiasticamente, só pelas 22 e 30 teve início.

Além dos congressistas, mais de 40 — a sala continha algumas dezenas de pessoas. Neste momento, entre uma salva de palmas que se prolongou durante alguns minutos, entrou na sala do Congresso o dr. sr. João Camões, seguido de bastantes professores entre os quais os dres. srs. Adriano Castanhiera, Silvino Pêlico, Mário de Almeida, Lavrador Ribeiro, Ribeiro Barbosa, arquiteito Silva Pinto etc.

O dr. sr. João Camões assume a presidência, fazendo-se secretariado pelos professores drs. Mario de Almeida, e arquiteito Silva Pinto.

Em seguida, numa vibrante alocução ao Congresso, o dr. sr. João Camões, ao esforço dos alunos das Escolas Técnicas, que procuram pelo trabalho e pela inteligência, rememorar o ensino em Portugal — salienta que são as classes proletárias, as abandonadas de tudo, aquelas que sempre se esforçam por fazer alguma coisa de bem comum. Faz um largo estudo sobre as necessidades do ensino, a sua função social no campo físico e moral, e salienta que só pela Educação, pelo estudo, será possível conseguir uma solidariedade melhor, que se torna necessário fazer, o urgente e inadiável.

E a propósito de ensino e programa, fala sobre um livro editado ultimamente em França, livro subscrito pelas mais altas individualidades científicas desse país, livro que se torna necessário aplicar também em Portugal, pelos seus ensinamentos e programa. E' preciso, diz o dr. sr. João Camões, que o ensino ministrado seja rigoroso, mas em condições de salubridade, abrangendo o esforço do braço e do cérebro dos trabalhadores, amparando-os fraternalmente porque eles têm direito de viver.

O 2.º Congresso das Escolas Técnicas é uma extraordinária lição dada a todos os que se empenham pelo aperfeiçoamento do ensino. Ali, está todo o esforço dos que trabalham e reivindicam para si aquilo a que têm direito. E em palavras fortes, entusiásticas, o dr. sr. João Camões exclama:

«O preciso derruir todos os tabiques que separam os ensinamentos, como fronteiras, construindo em seu lugar o ensino único, para todos, afirmando-se no trabalho intelectual e manual. Mas para isso, é preciso que os poderes públicos auxiliem os que trabalham, impulsando e ajudando-os e não dificultar o seu desenvolvimento e progresso. E' preciso que o ensino não seja privilégio de um pequeno número, antes de todos!»

O orador foi por vezes interrompido com salva de palmas, tendo terminado agradecendo a deferência que os alunos das escolas técnicas lhe dispensaram elegendo-o para presidir à sessão inaugural do seu Congresso.

Em seguida, Arnaldo Vieira, da Comissão Organizadora do Congresso, tem palavras de elogio para o dr. sr. João Camões a quem agradece o ter vindo a Coimbra, propositadamente, presidir, e pela segunda vez, à sessão inaugural do Congresso dos Alunos das Escolas Técnicas do País.

Operários que somos, diz entusiasticamente, queremos pelo nosso esforço contribuir para o aperfeiçoamento intelectual de todos os que trabalham. Eis as razões porque aqui estamos.

Professores e alunos, juntos, irmãos, do mesmo pensamento, têm que fazer uma grande obra. Que assim seja, são os seus desejos se todos os que neste momento, aqui, no Congresso, procuram trabalhar.

Agradece, novamente ao dr. sr. João Camões todo o esforço que tem dispensado pela causa do ensino, censurando o asperamento os poderes constituídos que de nada se importaram pelos trabalhos aprovados no 1.º Congresso destas escolas, trabalhos de alcance e que interessam ao desenvolvimento social do país.

Alguns vivas ao Congresso e muitas palmas, põe termo às palavras deste congressista.

Em seguida falaram outros congressistas de que darei relato circunstanciado. — C.

Cultura operária

Um núcleo de estudos que merece ser carinhosamente acolhido pelos trabalhadores

Proseguindo na efectivação do plano de trabalhos educativos que a direcção do Sindicato de Empregados de Escritório elaborou, realiza-se hoje, pelas 21 horas, a primeira sessão do «Núcleo de Estudo» que por aqui já se criou.

Iniciativa, sob todos os aspectos interessante, visa a criar o gosto pelo estudo sério, a inculcar no indivíduo uma consciência de análise e de exame sereno às questões que se lhe deparam e, ser, possivelmente pela sua reprodução, outros sindicatos, o fulcro dum movimento de espiritualidade e de cultura na organização operária.

A título de experiência, na sessão que hoje se realiza, será debatido precisamente o mesmo tema que o dr. sr. Carneiro de Moura desenvolveu no curso que aquela associação, levou a efeito e que terminou no domingo passado.

UMA COBARDE AGRESSÃO

Jaime Tiago, operário gráfico da Casa da Moeda, quando ontem, cerca da meia noite, passava defronte da Caixa Geral de Depósitos foi assaltado por um grupo de oito indivíduos que selvaticamente o agrediram.

Capitaneava os cobardes um tal Calisto, operário também da Casa Moeda e um dos alcatoies do agente técnico daquelle estabelecimento, Gualberto da Cruz, cujo irregular procedimento tem provocado a animosidade da maior parte do pessoal.

TEATRO APOLO
Ainda hoje
O comissário de polícia

Vida Sindical

C. G. T.

Comité confederal

Reúne hoje, pelas 20 e meia horas

prefeitas, para tratar de assuntos inadiáveis.

COMUNICAÇÕES

Federação Corticeira Nacional — Reúne o conselho federal deste organismo, sendo lido o expediente dos sindicatos ao qual foi dado o devido andamento.

Os corticeiros de Évora, reclamam para lhes ser enviada uma tabela de salários de Lisboa e arredores, resolvendo-se satisfazer.

O delegado de Belém expõe ao conselho que na casa Perce y Elles existem alguns operários que estão a ser prejudicados a organização local pela propaganda nefasta que fazem. Foi resolvido que o sindicato faça tanto quanto possível para que estes operários deixem de prejudicar a organização, e caso não consiga a Federação tomará conta do caso exercendo a sua acção junto desses operários.

A comissão administrativa leu o original dum manifesto que vai ser dirigido à classe, sendo resolvido a sua publicação.

O conselho ocupou-se do 3.º congresso corporativo, deliberando-se adiar a sua realização para os dias 31 de Agosto e 1 e 2 de Setembro do corrente ano. Em breve serão enviados delegados à província em propaganda do congresso.

Compositores Tipográficos. — Reuniram-se ontem a direcção deste Sindicato, tendo tomado conhecimento do expediente e aprovado novos sócios. Aprecia várias anomalias passadas adentro das oficinas, ficando resolvido removê-las para que não subsistam. Sofreu discussão o estado financeiro em que se encontra a oficina Sindical, tendo-se resolvido apelar para que os Sindicatos devedores, saldem imediatamente as suas contas, para não sofrerem interrupção nos seus trabalhos.

Corticeiros de Belém. — Reuniram para tratar de assuntos que gravemente interessam a organização, entre eles o procedimento dos operários da fábrica Percy Elles que, terminado o último movimento grevista, que se prolongou tanto em consequência da classe não aceitar a afrontosa proposta patronal para se fazer mais horas de trabalho, logo no domingo seguinte se prestaram a trabalhar, praticando assim uma falta grave aos princípios que norteiam a organização operária e ao estabelecido no acordo para solução da greve.

Foi também verberado o procedimento de três operários da área que, quando o movimento ainda se mantinha, foram trabalhar para Abrantes, contribuindo portanto para animar a irredutibilidade dos industriais.

Os referidos operários, que compareceram nesta assembleia, reconheceram ter procedido mal e alegaram tê-lo feito reflectidamente.

Manipuladores de Pão — Reuniram-se a assembleia geral, sendo nomeada a nova comissão administrativa, que ficou assim composta:

Secretário geral, Cândido Marques; secretário administrativo, Manuel Miranda; tesoureiro, António Ribeiro; vogais, Manuel Pereira e Manuel Ribeiro.

CONVOCAÇÕES

Federação Mobiliária — Conselho Federal — Reúne hoje, às 21 horas, para tratar de assuntos importantes, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados à hora marcada.

Refinadores de açúcar — Reúne hoje a assembleia geral para apreciar a resposta do gerente da fábrica de refinção Pereira Gomes da Costa, com a qual deve hoje avistar-se, como intermediário para a solução do conflito com o pessoal, o respectivo encarregado, conforme foi resolvido na assembleia ontem realizada.

Carpinteiros de Longo Curso. — Reunem hoje os corpos gerentes afim de se tratar de assuntos de interesse para a classe.

Manipuladores de Pão. — São convocados a reunir hoje, sem falta, às 13 horas, os corpos gerentes, sendo indispensável a presença de Cândido Marques.

Calafates. — Reunem hoje os corpos gerentes, pelas 20.30 horas.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa. — Reúne amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral para tomar conhecimento dos trabalhos da comissão de melhoramentos, sendo de esperar a comparecência do maior número de associados.

Sindicato Ferroviário da C. P. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Resolver sobre as últimas demissões em que foram atingidos sem culpa alguma, vários camaradas das Oficinas Gerais;

2.º — Nomeação duma Comissão de Melhoramentos;

3.º — Nomeação de elementos para a constituição de um Conselho Técnico;

Cabouqueiros e fabricantes de Cal. — Reunem amanhã em assembleia geral, pelas 21 horas, para assuntos de interesse.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Sindicato da Construção Civil de Beja. — Reuniu a comissão administrativa que resolveu, entre outros assuntos, convidar a reunir hoje, terça-feira, a comissão revisora de contas eleita na última assembleia geral.

Previne-se todos os camaradas que se encontrem na reunião.

EDEN TEATRO
Telefone N. 3800
HOJE, às 9 3/4 (21.45) da noite

ULTIMA REPRESENTAÇÃO da sensacional revista

Fruto Proibido
com todas as suas Novidades — Atrações — Surpresas e NUMEROS NOVOS

PREÇOS POPULARES — Frias e camareiros, 3500 e 4000; Fauteuils de orquestra, 1200 e 1000; Cadeiras, 700; Geral, 200 e Prémios, 100.

O teatro mais arejado. Numerosas ventoinhas. QUINTA-FEIRA: A revista de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Rodas.

Lua Nova
completamente remodelada e amplificada com o novo sistema ENFIM, 80% de despesa por toda a Companhia OTELO DE CARVALHO

São Carlos
— Telefone C. 3063 —

Amanhã — QUARTA-FEIRA, 18: Representação da Companhia Lucília Simões. Festa artística do actor LUIZ BRAVO. Única representação da comédia.

CARTA ANONIMA
QUINTA-FEIRA: «Reprise» da famosa peça de Germaine DEPÓSITO DE MIM... (APRÈS MOI...)

Grandioso sucesso — Notável desempenho em que se distinguem Lucília Simões e Eriço Braga.

Bilhetes já à venda sem locação

O Congresso da Construção Civil

A 2.ª conclusão da tese «Gestão da indústria em face da convulsão internacional», discutida na 4.ª sessão do Congresso da Construção Civil e publicada em «A Batalha» de quinta-feira, 12, por lapso saiu errada. Essa conclusão ficou assim redigida:

«2.ª Para que essas instituições possam satisfazer a substituição a gestão política burguesa, torna-se imperioso moldá-las em escolas profissionais e educativas, realizando, pelo menos duas vezes por semana, conferências, sessões de leitura comentada, palestras, etc., diligenciando que a estas sessões assista o maior número possível de camaradas».

AS GREVES

Metalúrgicos de Beja

PREVENÇÃO

BEJA, 15. — Encontrando-se há dias em greve os operários metalúrgicos da oficina Moreira & Vaz, desta cidade, por motivo de aumento de salário, e desajando os industriais ir contratar operários a Lisboa e Porto, o Sindicato Metalúrgico apela para que todos os camaradas se recussem a vir trabalhar para esta cidade, a fim de não atrair para os operários em luta.

NA POLÓNIA

Dia de trabalho de 8 horas

Há quatro anos que a legislação polaca fixou o dia de trabalho industrial em oito horas e a semana em quarenta e oito. Ultimamente, quando reuniu o Conselho Económico, em Varsóvia, um orador propôs, em nome do patronato, uma modificação ao horário do trabalho. Longe de apoiar essa proposta, o ministro afirmou quanto a conservação do regime das 8 horas é essencial para o bom funcionamento da indústria.

Esta atitude do ministro é tanto mais para apreciar quanto é certo a Polónia não estar obrigada a nenhum pacto internacional. — R. I. 7.

SECÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

U. S. O. Porto — Santos Viseu — Já enviamos a c/c. pedida.

Federações

CORTICEIRA

Sindicatos do Barreiro, Belém e Póço do Bispo — Mandem buscar hoje, pelas 16 horas, a tipografia da rua da Ilhota Seca, os manifestos que já estão prontos.

CAÇADO, CONROS E PELES

Núcleo Federal da Guarda — Segue expediente.

S. U. do Porto — Recebemos ofício e v. l. Segue expediente.

Manufactureiros de calçado de Évora — Recebemos ofício. Segue expediente.

Sindicato da Covilhã — Responderam ao ofício enviado e digam se receberam expediente.

Abrantes — Recebemos ofício, dinheiro e estatutos.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Sessão Mista do Beato e Olivais. — Reúne hoje, às 20 horas, a Comissão Executiva para, entre outros assuntos de interesse, apreciar o relatório reorganizador da secção.

Uma festa em Alge

Na quinta-feira, na praça de Alge, um grupo de chauffeurs realiza uma interessante festa.

Foram nos oferecidos três bilhetes de bancada geral de sol pelo chauffeur Carlos da Costa Palha; quatro pelo chauffeur Manuel Joaquim, e cinco de bancada geral de sombra, por um grupo de chauffeurs. Estes bilhetes vão ser vendidos, revertendo o produto metade para os presos por questões sociais e metade para as famílias dos fuzilados no Oitavo, e encontram-se na administração.

Coliseu dos Recreios
— Dia 19, às 21,30 —

GRANDE SARAU Ginástico Equestre do Ginásio Club Português

A primeira vez em Portugal Apresentação de um

CAVALO EM LIBERDADE dirigido por uma menina de 10 anos, discípula do distinto professor Joaquim G. Miranda

PREÇOS POPULARES

GERAL 3\$00

FAUTEUILS 10\$50

As violencias contra «A Batalha»

O governo actual mantém para com a imprensa uma atitude de hostilidade com tais requintes de perseguição, que pulso acima de todas as leis e de todos os escrúpulos.

Embora o «Correio da Noite» e o «Correio da Manhã» tenham sofrido inúmeras e iníquas apressões tem sido a Batalha dos jornais que caminham no desagrado do governo, quem mais perseguições sofreu, chegando a ser para de lado, especialmente o vergonhoso regime da censura prévia.

As perseguições que o actual governo tem usado para com a Batalha representam o reacção do desejo de fazerem a volta dos seus actos, o silêncio, suprimido cobardissimamente toda a critica desassombrada. O honesto bis-mendário «Os Ridículos» apreciava as apressões nos seguintes termos que muito nos apraz transcrever inteiramente:

Em todos os tempos, quando os governos pretendem amedrontar a imprensa é sinal de que entram na agonia!

O abuso da liberdade que nos é concedida, é punido por lei, não se admitindo, portanto, medidas de repressão, que por serem estruturalmente nefastas nunca dão bons resultados aos que as põem em prática, antes se cobrem com o odioso do público que logo vê nessas medidas uma fórmula de abafar escândalos.

As apressões de que foram vítimas nos últimos dias os nossos colegas «Correio da Manhã», «Correio da Noite» e «A Batalha», estão nestes casos.

Atacaram o governo com palavras e com factos, simultaneamente incorreram no seu desagrado, sofrendo-lhe o desespero!

As apressões têm-se repetido todos os dias, ora para uns, ora para outros. Bem sabemos nós que combates com estes desvarios, é o mesmo que bradar no deserto.

Mas não fogem fazer calar, nem aos atingidos por esses rigores da policia, nem o público que tem olhos para ver toda esta bambocada!

Os operários corticeiros de Messines, em assembleia geral, protestaram contra o fustamento dos Olivais, contra a pretendida deportação de operários para a África, saudando «A Batalha» pela forma energética como tem combatido todas as iniquidades, resolvendo-se auxiliar a logo que as circunstâncias o permitam, envolvendo nesta saudação os presos por delicto social.

Um traidor

Nota do Sindicato dos Tameiros de Lisboa

A propósito de uma correspondência de Vaia do Carregado publicada em «A Batalha» de 11 do corrente, e na qual se faz referência a Joaquim Bello, tenente, que se diz sindicado em Lisboa e anda atraindo a classe dos descarreadores daquela localidade, este sindicado declara que não faz parte do número dos seus componentes tal indivíduo, já muito conhecido na capital pelas suas proezas quanto do movimento motivado pela questão das cartolas francesas.

A Direcção.

Comissão pró-Manuel A. de Oliveira

Reúne hoje, às 22 horas, esta comissão com a presença de todos os componentes.

Vila Real de Santo António — M. C. Marques — Cortamos fôrmas: jornal, deviam a vir mais uma vez devolvido o recibo.

Almancil — M. Café — Ficou pago até 5 do corrente.

Aljustrel — Segue recibo da liquidação.

Avintes — Segue recibo do seu debito.

Sobral da Adiga — A. Miranda — Recebemos 12\$00. Ficou liquidado.

Ecos da greve corticeira

Durante o período da última greve, a Federação Corticeira recebeu para auxílio dos grevistas as seguintes importâncias:

Das mobilidades da casa J. P. Ruz, 9000; Grupo Solidariedade Consciente, 3500; Federação da Construção Civil, 5000; Sindicato Ferroviário da C. P., 2000; várias importâncias entregues em «A Batalha», 10\$50; Corticeiros de Portimão, 100\$00; Corticeiros de Gaia, 16\$00; S. U. Metalúrgico de Lisboa, 50\$00 total, 619\$50.

Em Messines

MESSINES, 15. — Reuniram os operários para dar cumprimento à entrevista com os industriais que acabaram de deliberar a Secção de Cortiças e constam do aumento de 20%. Também foi acordado pelos industriais o cumprimento do horário de trabalho.

A classe regista o auxílio prestado por Indício Caitano, que fornece gêneros e vários grevistas do seu pequeno estabelecimento durante o tempo que durou o conflito.

Teatro Nacional
Sexta-feira, 20: Inauguração da época de verão com o pitoresco drama de DECOURCELLE

Os dois garotos

TEATROS & CINEMAS REVULSIVOS

Muito embora executado O poeta João Acher Ha de ser reabilitado Como Francisco Ferrer, inocente e fuzilado.

Alfonsos treze d'Espanha: Tu não és culpado, bem sei, De que a justiça tacaña Do teu país — dura lei — De uma gaffe tamanha.

Quiz o fado ou o destino Fazer de ti um monarca, Grande rei nuno e molino, Vassallo da negra Parca, Mãe do carasco lígrio.

Morra Acher, mas podes crer, Que anda de rolo, na lama, De onde que vêsas e postica, Jesus como rei proclama.

Morra Acher, mas podes crer, Que anda de rolo, na lama, De onde que vêsas e postica, Jesus como rei proclama.

Morra Acher, mas podes crer, Que anda de rolo, na lama, De onde que vêsas e postica, Jesus como rei proclama.

Morra Acher, mas podes crer, Que anda de rolo, na lama, De onde que vêsas e postica, Jesus como rei proclama.

Morra Acher, mas podes crer, Que anda de rolo, na lama, De onde que vêsas e postica, Jesus como rei proclama.

Morra Acher, mas podes crer, Que anda de rolo, na lama, De onde que vêsas e postica, Jesus como rei proclama.

Morra Acher, mas podes crer, Que anda de rolo, na lama, De onde que vêsas e postica, Jesus como rei proclama.

Morra Acher, mas podes crer, Que anda de rolo, na lama, De onde que vêsas e postica, Jesus como rei proclama.

Morra Acher, mas podes crer, Que anda de rolo, na lama, De onde que vêsas e postica, Jesus como rei proclama.

15-6-1924

Os Mistérios do Povo

N.º 173

copo de cristal cheio de um licor maravilhoso o qual espalha uma claridade tam forte que serve de luz àquelas fadas... Acrescentam mais que uma gota do tal licor faria a gente tam sábia como Deus.

—E que comem elas nessa toalha branca de neve? sabes, Karadeuk, tu que gostas tanto delas?

—Queridas pequenas! o seu corpo rosado e transparente, apenas da altura de dois pés, não é tam gordo que peça grande sustento... Minha irmã Roselik chama-lhes gulosas... Que comem elas? o suco das flores da noite servido em folhas da erva de ouro!

—Erva de ouro?... a erva mágica que, se a pizamos por descuido, nos adormece e nos faz interpretar a lingua dos pássaros?

—Essa mesma.

—E que bebem as Korrigans?

—O orvalho da noite na concha azulada dos ovos da ave do paraíso...; vejam lá que borraças! Mas ao menor ruido humano... tudo se evapora, e desaparecem na fonte para voltarem ao fundo da água ao seu palácio de cristal e de coral... Para poderem fugir é que estão sempre ao pé da água... Oh! gentis anãs... belas fadinhas! não vos verei eu nunca?... dava dez anos, vinte anos da minha vida para encontrar uma Korrigan!...

—Karadeuk, não prometas isso em semelhante noite de tempestade... é agouro mau...; nunca ouvi o mar furioso gemer de tal sorte...; é como se estalasse um trovão...

—Minha boa mãe, eu afrontaria a noite, a tempestade e o trovão para ver uma Korrigan...

—Calate, meu rapaz... assustas-me... não fales assim... isso é tentar a Deus!

—Que arrojado e atrevido rapaz não és tu meu neto...

—Avó, repreenda também meu irmão Karadeuk, em lugar de lhe gabar só os seus desejos loucos e perigosos... Não sabe...

—O quê! minha meiga Roselik?

—Ai de mim! avó, as Korrigans roubam os filhos

das pobres mulheres, e põem em lugar delas monstrosinhos; a canção assim o diz.

—Ouçamos a canção, minha Roselik.

—Ela aí vai, avó:

—A formosa Mary está muito afrita; o seu pequeno Laoik levou-o a Korrigan.

—Quando fui a fonte buscar água, deixei o meu Laoik no berço; quando voltei para casa já ele ia longe.

—E em seu lugar a Korrigan tinha posto este monstro com as faces tam sarapintadas como a pele do sapo; arranha e morde sem dizer palavra.

—E sempre está a pedir de mamar; já fez sete anos, e ainda pede mama.

—A formosa Mary está muito afrita; perdeu o seu Laoik; levou-o a Korrigan.

—Esta é que é a canção, avó. Agora pergunto se meu irmão Karadeuk sempre quer encontrar essas más Korrigans, as roubadoras de crianças?

—Que tens tu que responder em defesa das tuas fadas, Karadeuk, meu predilecto?

—Avó, a minha gentil irmã Roselik foi iludida pelas más linguas; todas as mães com meninos feios, dizem que tinham um anjo no berço e que as Korrigans lhe puzeram em seu lugar um monstro!

—Bem respondido, meu favorito!

—Sustento que as Korrigans são assíduas e serviçais... O avó sabe onde é o vale de Helé?

—Sei, sei, meu intrépido.

—Havia ali em outro tempo os mais belos fenos do mundo...

—E' verdade: feno do Helé, feno perfumado, como diz o provérbio.

—Ora, era por causa das Korrigans...

—Sim! conta-me isso...

—No tempo da monda elas subiam ao cimo dos rochedos do vale para vigiar os prados... Se durante o dia tinham secado, as Korrigans faziam chover nelas um abundante orvalho...; se o feno já estava cortado, faziam fugir as nuvens que o poderiam estragar...

Um tolo e ruim bispo quiz expulsar aquelas boas e pequenas fadas serviçais; mandou, pois, ao descair da noite, acender uma grande fogueira sobre os rochedos; quando os viu em brasa, varreu as cinzas... Logo que anoiteceu as Korrigans, não sabendo disto, vieram guardar o feno; mas queimaram os péssimos na rocha abrasada... Então exclamaram chorando: Oh! mundo mau! oh! mundo mau!... E depois nunca mais voltaram, e mais tarde o feno começou a apodrecer pela chuva ou secou com o sol no vale do Helé... Eis o que sucede quando se faz mal às Korrigans... Não, não morrerei contente em quanto não encontrar uma...

Meus filhos, meus filhos, não acreditem nessas mágicas, e sobretudo não desejem ser testemunhas delas, isso é de mau agouro...

O' minha mãe, pois então por eu desejar ver uma Korrigan, segue-se que serei mal sucedido...

—So Hesus o sabe, meu rapaz... porque as tuas palavras apertam-me o coração...

—Que tempestade! que tempestade! a casa treme...

—E é em semelhante noite que este mau rapaz se atreve a dizer que daria a sua vida para ver uma Korrigan...

Mulher, tamanho desassossego é indicio de fraqueza.

—As mães são fracas e tímidas, Jocelyn... E' bom não tentar a Deus...

O velho Araim deixa um momento de trabalhar na sua rede; descaí a cabeça sobre o peito... e pensa.

—Que tem, meu pai, porque está pensativo? Acreditará, como Madalén, que uma desgraça ameaça Karadeuk por ter querido ver uma Korrigan em noite de tempestade?

—Penso, não nas fadas, mas nesta noite tempestuosa, Jocelyn... Já te li, tanto a ti como a teus filhos, as narrações de nosso avó Joel, que vivia há quinhentos e tantos anos, quando não fôsse nesta casa pelo menos nos sitios onde estamos...

—E' verdade, meu pai.

—Sabes em que estou pensando?

—Em quê, avó?

—Em que? perguntas tu, meu Karadeuk, meu hébil bêteiro? Penso que em semelhante dia de tempestade, o bom Joel e seu filho, avidos de narrações curiosas gauleses como eles eram...

—O que pregou a boa peça a um viajante de prenda-lo na azinhaga do Craig'h (ainda por lá passei esta manhã, disse Kervan): depois amarrôu o estrangeiro e levou-o a casa para lhe ouvir contar...

—E esse viajante era o chefe dos cem vales... um mártir... um herói...

—Oh! oh! como os teus olhos brilham quando assim falas, Karadeuk, meu predilecto...

—Se brilham, avó, é porque estão humedecidos de lágrimas... Quando ouço falar do chefe dos cem vales, chegam-me as lágrimas aos olhos...

—Que é isso, meu pai? Olhe, repare que o seu velho Erer resmunga e arrebita as orelhas.

—Avó, não ouve ladrar os cães de guarda?

—E' porque sucede alguma coisa extraordinária da parte de fora da casa...

—Ai de mim! quando os deuses querem castigar um filho pelo seu arrojado desejo, a cólera deles não se faz esperar... Karadeuk, anda, anda para ao pé de mim, meu rapaz...

—O' Madalén... pois tu estás aí chorando e abraçando o filho como se alguma desgraça o ameaçasse?... Vamos, querida mulher, parece que não tens juizo.

—Não ouves os latidos dos cães lá fora? Olha, não vê Erer a correr para a porta resmungando... Digo-lhe: que se passa alguma cousa sinistra ao pé da casa...

—Não receie nada, minha mãe, é lobo que anda aqui perto...; venha o meu arco!

A NACIONAL FÁBRICA DE MALAS CARTEIRAS E PELARIA.

DE CASSIANO, TEIXEIRA & VEIGA, L.ª

REPARAÇÕES
Carteiras, Malas, Bolsas, Pastas em cabedal, seda, veludo, etc.
Monogramas e Aplicações em ouro e prata
Confecções de peles

Tinturaria em todas as cores e limpeza de toda a qualidade de tecidos, roupas, peles, boas, plumas, cabedais, calçados, luvas, feltros, etc.

VENDE E REVENDA
Meias de seda e fio de escócia, peúgas para homem em seda, algodão e fio de escócia por preços resumidos

RUA DA PALMA, 34, 1.º — LISBOA
Telefone N. 3624

TOSSE CONVULSA
A experiência de longos anos e a confirmação de muitos médicos do continente e ilhas tem demonstrado que o

Xarope Serrano

cura rapidamente a tosse convulsa

Vende-se em Lisboa: Farmácia Serrano, rua 20 de Abril, 128; Farmácia Latina, rua de São Bento, 71; Oliveira Leitão, rua da Madalena, 46, 2.º.

No Funchal: Andrade & Comp., rua João Távora, 11 e 11-A.

Tinturaria a vapor

Limpa e tingue toda a qualidade de vestuário, fatos de homem e vestidos de senhora e de crianças, em preto e todas as cores garantidas. E' a melhor casa no género e a que mais barato trabalha.

Rua das Amoreiras, 177

CANDEIAS!!!

E' quem vende o calçado mais barato, mais elegante e mais resistente

Intendente-Lisboa

REUMATISMO
Sifilítico, Bienorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"
24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"
E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

"Reumatina"
Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Pó Anti-bienorrágico
E' o mais poderoso combatente das bienorrrias crónicas e recorrentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00
Depósito Geral:
A. Costa Coelho
Comjardim, 440 — PORTO

EXAMINEM AS QUALIDADES E PREÇOS

Máquina de cozer bobinas central... 1:000\$00
Bicicletas roda livre, dois freios, guarda-lamas, garantidas... 1:000\$00
Banheiras ferro esmaltado... 1:100\$00
Artigos de futebol, Contadores para água, medidor e ar livre

Pinto Coelho
Trav. de S. Domingos, 28 — LISBOA

grande baixa de calçado
só com o lucro de 10%

MA - SEMPITORIO SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 30\$00
Sapatos em verniz... 38\$00
Botas pretas, (grande saldo)... 48\$50
Botas brancas, (saldo)... 28\$00
Grande saldo de botas pretas... 58\$50
Botas de cor para homem... 46\$50

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa. Vê bem, pois só lá se encontra bom e barato. A SOCIAL OPERARIA é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 69

31

E' o número da porta da Nova Ourivesaria de Peixoto, Maia & Pinheiro, L.ª, rua de São Paulo, (junto ao arco). Ouro, prata, joias, moedas de ouro e dentaduras velhas. Não vendam sem consultar os nossos preços. Vendemos por preços limitadíssimos em novo e 2.º mão, joias, objectos de ouro e prata. Sucursal, rua de São Paulo, 114. Telefone 1322 C.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 4-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegro, 56, 58

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Fraqueza genital

Cura radical com os comprimidos vegetais de VOIMBINA, produto alemão do dr. Fritz Koch, de Munich, os quais provocam nova aliência de sangue nos órgãos genitais de ambos os sexos e com que o dr. Helmer, conselheiro imperial de Viena, tem obtido 85 % de cura na sua clínica.

Preços 120, provincia 15 (Depósito no Porto, rua da Fábrica, 5, 2.º. Depósito geral: G. L. de Almeida, Travessa Nova de São Domingos, 9, 2.º, LISBOA).

APIOL MENSTRUAÇÕES

São imediatamente regularizadas com o uso deste maravilhoso preparado alemão do dr. Fritz Koch, de Munich. Chegou nova remessa. Pedimos às nossas amigas clientes para hoje postarem os seus pedidos, a fim de não sentirem a sua falta, e lembramos a todas as senhoras a conveniência de terem sempre em casa este maravilhoso produto, pois ele representa a tranquilidade de não ter, frega, 120, pela correio, outubro, 100. Depósito G. L. de Almeida, Travessa Nova de São Domingos, 9, 2.º, LISBOA.

A SIFILIS

Cura-se por meio de plantas, assim como todas as doenças de pele e as que derivam do sangue impuro. Tratamos com as famadas Tizanas de Páro, o único remédio que não prejudica o organismo. E' o melhor tratamento e o mais económico. Pacote 360 pelo correio 1800—6 pacotes 1900. Único depositário em Lisboa F. Cosin—Rua Marques da Silva, 55, r/c. D.ª (Almirante Reis).

Fatos completos

A vestir, para homem, em boas fazendas de lã, com bons forros, desde

145\$00

Calças desde 39\$00

Grande sortido de fatos feitos e por medida a preços de combate

Setim para forros Grande sortido em preto e cores desde 17\$00

Chaves do Conde Barão
170, RUA DA BOA VISTA, 172

MENSTRUAÇÃO
suprimida, aparece rapidamente tomando o MENSTRUOGE-NE, de efeitos seguros: Preço, 18\$00. Rua de Santa Justa, 61, 2.º

Vidraças, garrafas, garrações e pirolitos

Entregas imediatas António Centeno, Limitada, rua Nova do Almada, 36, 3.º Lisboa. Telef. 2864 C.

António Fraga, S.ª

Ourives-Joalheiro

RUA DA PALMA, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e frequentes que continuo vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalheria, por preços com os quais ninguém pode competir, embora haja quem se incomode por eu estar vendendo tão barato.

Peco uma visita à minha casa. Confrontem a qualidade a brilhantes e os seus preços, e verão depois quem melhor e mais barato vende.

Tenho sempre artigos em 2.º mão renovados com pouco feitiço.

Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a Rua da Palma.

Telefone, 3676 N.

OURO
muito mais Barato

Grande sortimento de cordão, s. correntes e mais objectos de ouro

Só vende barato A OURIVESARIA Correia & Moura
Rua S. Paulo, 195 LISBOA (Próximo à Casa da Moeda)

Retrozaria MIMOSA

Rua da Prata, 184

ARTIGOS de retrozeiro e modas, tais como, crepons, punçes de algodão e seda, loulardas, bluzas, meias, vestidos de criança e bibes e grande variedade de

Bordados da Madeira
recebidos directamente daquelle ilha. Preços sem competência. Descontos às modistas.

FÁBRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
TELEF. C. 1244—LISBOA

Portas Onduladas METÁLICAS

FABRICAM-SE com sólides. Peçam amostras e orçamentos, com todos os maquinismos privilegiados. Vendem-se todos os materiais avulso, assim como: calha, chapa mola, fita, tambores, etc.

Rua da Emenda, 114—Telefone 2.316-C.

Para conseguir cabeleiras assim

Usae o Oleo de Mão de Uara

Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexíveis e evitando a caspa. 50 anos de venda asseguram os seus — bons efeitos —

Frasco 2.200. Para a provincia 3.200

Pertumaria Mendonça
3, CALÇADA DO COMBRO, 47 LISBOA

Até 31 de Julho
todos podem receber um brinde

fazendo uma encomenda à importante casa de lenificios da Covilhã, do grande industrial Jaime Pintasilgo, presentemente quem melhores produtos apresenta e quem mais barato vende.

Precisais um fato para verão? Pede amostras a Jaime Pintasilgo—Covilhã—e recebeis, juntamente com a vossa encomenda, um interessante brinde, comemorativo do aniversário da afamada casa.

LEIAM, PROPAGUEM: A LIBERDADE

B. Lazare \$50
Descontos aos revendedores e aos grupos de propaganda

Companhia Nacional de Navegação Vapor Africa

Sairá no dia 1 de Julho, para Madeira, São Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo (Cape Town), Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para Inhambane, Chinde, Quelimane, Pebane, Angoché, Porto Amélia e Ibo com transbordo.

Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos, dirigem-se aos escritórios. Em Lisboa, rua do Comércio, 85, N.º 1.º, rua da Nova Allandega, 34.

Colchoes de arame
H. BONO
R. Diário de Noticias, 75
(ao lado da antiga farmácia Jara)

RESTAURANT Estrela de Benfca

—Defronte da Igreja—
Terminus do eléctrico

Serviço à la carte com esmerada cozinha à portuguesa e à francesa

Almôços e Jantares para fora

Fornecimentos para casamentos e baptizados

QUEM ADIVINHA

Quantos degraus tem uma escadaria que, subindo-os a dois e dois, resta um; a três e três restam dois; a quatro e quatro restam três; a cinco e cinco restam quatro; a seis e seis restam cinco; sete e sete não resta nenhum?

Não quebrem a cabeça e vão à Sapataria de A. Coelho Simões, rua Arco Marquês Alegrete, 60, que só lá se pôde saber, por quem tem o melhor calçado em todos os géneros, e quem mais barato vende.

Vão lá! Vão lá!

Associação de Socorros Mtuos dr. Bernardino Machado

Rua do Poço dos Negros, 131, 2.º

Convoque a assembleia geral a reunir no dia 20 do corrente, pelas 21 horas, na sua sede, sendo a ordem dos trabalhos discussão e votação do relatório e contas do ano de 1923 e parecer do conselho fiscal.

Não reunindo número legal flex transferida para o dia 20 do corrente, mesma hora e local, funcionando com qualquer número de sócios. Lisboa, 14 de Junho de 1924. O presidente, Manuel Maria Henriques.

Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Anémicos

Para debelar rapidamente a anemia basta tomar um a dois frascos de FERRUGINOSE UNITAS de efeitos rápidos e seguros Nas boas farmácias e no depósito

RUA DE SANTA JUSTA, 161, 2.º — LISBOA

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos parafusos, guarnições para moinhos

Chapa ferro preta
— e zincada —

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, gravo para ferador, serras circulares e de fita, etc.

TELEFONO 3930, N.º 84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA